



“É SÉRIO E REALISTA E EU VENHO DA FARSA, ALÉM DE TER UM MEDO TERRÍVEL DO VAZIO. TIVE DE APRENDER A TRABALHAR OS SILÊNCIOS”

TEATRO & DANÇA

ALÍPIO PADILHA

Luis Gaspar e Rita Cruz são Daniel e Abigail; ele é o ex-namorado e ela é a actual mulher de outra personagem, Ben

Na praia de Edward Albee entre amores e frustrações

Dois homens, que foram namorados, reencontram-se à beira-mar, com as respectivas mulheres. Ao lado, há velhos e um adolescente. É como se a humanidade toda coubesse em *Encontrar o Sol*, que estreia no São Luiz

TEXTO RITA BERTRAND

Edward Albee ainda estava vivo para autorizar a encenação e até viu, há um ano, os primeiros estudos para os cenários e figurinos da encenação de Ricardo Neves-Neves de *Encontrar o Sol*, peça pouco representada e mal amada pelo autor, que a escreveu em 1983 e em 1987 a renegou, porque – segundo o encenador – “apareceu outra que também se passava na praia e não queria que pensassem que o tinha influenciado”. De facto, “a praia” de Albee não é confundível: as suas peças, normalmente de um acto só, são retratos bestiais de gente ferida e desesperada, um espelho das sociedades ocidentais, mergulhadas num egoísmo que potencia a solidão e numa crueldade que, apesar de ser terrível, todos reconhecemos.

Basta lembrar *Quem Tem Medo Virginia Woolf?*,

a sua peça mais famosa: embora mostre um casal disfuncional, encharcado em autocomiseração e *whisky*, servido *on the rocks* e com doses maciças de violência psicológica, conseguimos identificar-nos com as suas dores. O mesmo acontece com as 21 cenas curtas de *Encontrar o Sol*, que estreia esta sexta-feira, 17, no Teatro São Luiz, em Lisboa.

Tudo se passa numa praia, com um chão de areia, que será “um linóleo de várias tonalidades de cores de pele”. Ai, quatro pares de pessoas ocupam espreguiçadeiras, diante de um sol imenso, que vai levantando e baixando ao longo da narrativa, que é pontuada, por duas vezes, com canções românticas dos anos 60, interpretadas ao vivo com a ajuda do coro da associação ILGA, “que ali está a representar os peixes, para os quais há personagens



EDWARD ALBEE

Falecido aos 88 anos, a 16 de Setembro de 2016, Albee era homossexual e, ao assumir-se, confessou sabê-lo desde os 12 anos. Nunca gostou, porém, que a sua sexualidade o definisse. "Um bom escritor tem de saber transcender-se", dizia. *Encontrar o Sol* é a peça mais abertamente gay que escreveu

que falam", explica o encenador, sublinhando que acha "tonto" falar directamente com o público, como o autor manda, e "o coro foi a solução".

Não é, aliás, o único acrescento ao original de Albee: há frases inteiras, gestos, passos e diálogos repetidos. Porquê? "Experimentámos várias hipóteses nos ensaios e em alguns casos achei mais interessante não optar por uma única solução e mostrar duas leituras da mesma situação." Exemplo é uma conversa que se sucede com desfechos distintos: uma vez desemboca no afastamento entre as personagens, na outra, num beijo.

Quanto às espreguiçadeiras, as da esquerda são de Cordelia (Tânia Alves) e do marido, Daniel (Luís Gaspar), ao lado estão Fergus, de 16 anos (Tadeu Faustino, ainda no Conservatório) e uma mulher mais velha (Custódia Gallego), que não se sabe bem se é sua mãe, protectora ou amante. Seguem-se Gertude (Cucha Carvalheiro) e Henden (Marques d'Arêde), um casal mais velho, respectivamente pais de Cordelia e Daniel. Finalmente, à direita estão Ben (Romeu Costa) e Abigail (Rita Cruz).

Cada par intervém em seis cenas, mas nas restantes continua em cena – porque continua na praia. Por isso, o espectáculo tem movimentos tão marcados como uma coreografia de dança. "O autor não diz nada sobre o que estão a fazer as outras personagens enquanto cada par conversa. Tive de criar isso com os actores, não os podia deixar para ali parados... Foi um grande desafio", confessa Ricardo.

Mais: "Na verdade, pouco acontece na peça. É feita de diálogos sobre emoções, num tempo dilatado,

ENCONTRAR O SOL

TEATRO MUN. SÃO LUIZ, LISBOA

De 17 a 25/2 • 4ª a sáb., 21h

• Dom, 17h30 • €12 a €15

THEATRO CIRCO, BRAGA

• 6ª, 3/3, 21h30

• €12

TEATRO & DANÇA

com silêncios pelo meio, o que decididamente, não é a minha praia. É sério e realista e eu venho da farsa, tenho mais experiência no absurdo, além de ter um medo terrível do vazio, no palco. Tive de aprender a trabalhar os silêncios e o vazio. Não foi fácil."

No centro da narrativa está uma relação acabada mas mal resolvida, a de Daniel e Ben, que em tempos foram namorados e certo dia – primeiro um, depois o outro, mas nenhum deles pacificamente com a decisão – optaram pela heteronormatividade e casaram. "Em 1983, esta era uma peça sobre a homossexualidade, com o fantasma da sida a pairar. Hoje, creio que é sobre amor e desamor, solidão e perda, envelhecimento e frustrações", diz Neves-Neves, que decidiu que queria encenar a peça em 2013, depois de a reler na praia, um ano depois de a ter lido pela primeira vez, por sugestão de Jorge Silva Melo. "Foi nessa altura que escrevi *O Solene Resgate* e que descobri todos os textos que tenho encenado, do *Menos Emergências*, do Martin Crimp, à *Noite da Dona Luciana*, de Copi, e aos textos do Karl Valentin que vou fazer a seguir."

Trabalhador compulsivo – 12 horas por dia, em média –, Ricardo já tem peças para montar até 2019, incluindo uma de sua autoria, que estreia em 2018, de novo no São Luiz. O que está tremido é o regresso ao palco como actor: "Adorava, mas ninguém me convida, se calhar acham que não tenho tempo, e nas minhas encenações já não posso entrar, porque não corre bem. Fico obcecado com a direcção e sou o último a decorar o papel, o que não dá segurança a ninguém." ●



Ricardo Neves-Neves